

O ESTRANHAMENTO DE SI: UMA REFLEXÃO SOBRE O ABSURDO DA CONDIÇÃO HUMANA

ISABELLA MENDES TEIXEIRA

Discente do curso de Licenciatura em Filosofia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)

Campus de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Contato: isamendes491@gmail.com

Resumo: O presente texto busca examinar o conceito de absurdo no romance *O estrangeiro* de Albert Camus (1913-1960). Na referida obra, o autor utiliza esse termo absurdo para explicar o sentido de um mundo que não o possui. O resultado é surgimento de revolta para caracterizar a condição humana. Camus apresenta sua teoria sobre o absurdismo através do cotidiano do personagem Meursault, que se mantém em sua ocupação diária sem nenhum valor transcendente, vivendo diante do absurdo da sua estranha existência. Nosso foco é refletir sobre a liberdade e a condição humana, ou seja, através de uma análise da vida e da relação do homem com o mundo. O resultado deve apresentar uma espécie de ética da revolta, pois consciente da ausência do sentido, não deixa de agir.

111

Palavras-chave: Existência. Indiferença. Liberdade. Revolta.

1. INTRODUÇÃO

O romance *O estrangeiro*, do autor Albert Camus, apresenta a história de Meursault um homem sem valores transcendentais e vivendo imerso em uma cultura social, cujos acontecimentos ao seu redor não refletem em sua cotidianidade. A obra expressa a contradição entre a natureza da condição humana e a essência de um mundo sem sentido. A obra reflete sobre o anseio de sentido, em um mundo ordinário e a

condição humana diante dos absurdos da vida: acontecimentos como a morte da mãe; a briga do vizinho e o assassinato de um homem Árabe, sendo esses, eventos que configuram a trajetória de Meursault frente à sua liberdade e a sua responsabilidade individual.

O personagem de *estrangeiro* personifica, em uma espécie de ética prática, única possível como uma resposta à condição humana. Como em um mundo desprovido de tal propósito, logo, torna-se vulnerável ao contraditório. Como é sabido, através das demais obras do autor, essa proposta ética pode ser caracterizada como uma ética da revolta, ou seja, uma forma de agir a partir da consciência do absurdo. Essa filosofia quer revelar a dimensão ética sem recorrer a valores universais ou a um sentido oculto por trás das ações. Essa proposta ética sinaliza a possibilidade de alguém levar uma vida plena e virtuosa mesmo imerso no absurdo.

O nosso objetivo, com o presente artigo, é compreender como o conceito de absurdo contribui para fundar uma ética do absurdo, tendo como ponto de partida não uma determinada teoria e sim ação no interior de uma condição existencial incoerente e absurda. A postura do personagem pode se transformar em um princípio ético? Como avaliar a ação a partir da indiferença? A moral do absurdo possui um fundamento válido e passível de universalização?

2. ACEITAÇÃO DO ESTRANHAMENTO DE SI: MEURSAULT COMO EXPRESSÃO DO ESTRANGEIRO

Através do personagem do romance *O estrangeiro*, Camus apresenta ao leitor o absurdo da existência e a incessante busca por sentido em um mundo destituído de tal propósito. No entanto, esse movimento conduz, de modo, inevitável à revolta frente a existência humana. Segundo o autor, o ser humano sente necessidade de atribuir um propósito a cada ação em face da insignificância de uma existência nua, ou seja, configurando-se na ambição de atribuir sentido a cada instante para

cada ação. Dito isto, Meursault rompe com a tradição da culpa diante de cada ação do ser humano. O personagem demonstra profunda indiferença diante da presença paradoxal da existência – sua estranheza frente aos acontecimentos da vida – o leva a cometer um ato extremo; sem pudor, sem remorso, apenas movido por um sentimento de conformidade. O próprio personagem reage a tal ato com um “tanto faz”, essa sua indiferença em um mundo ordinário e a incorrência do existir, manifesta-se como estranhamento do eu vivido por Meursault, um homem lançado ao mundo, mas sem propósitos existenciais partilháveis.

A mesma atitude marcada, expressa na maneira como que Meursault reage à morte da mãe, com aparente apatia e a ausência de sofrimento e em tudo que faz. Assim, descrevendo a radicalidade de sua alienação na presença das convenções sociais e emocionais. Fica evidente, esse extremismo: “Por ora é um pouco como se mamãe não tivesse morrido. Depois do enterro, pelo contrário, será um caso encerrado e tudo passará a revestir-se de um ar mais oficial” (CAMUS, 2019, p. 13). É pertinente observar, a falta da empatia de Meursault ao se deparar com a morte, o personagem não manifesta nenhuma emoção, apenas um sentimento de conformidade. Segundo ele: tudo passará a revestir-se de um ar mais oficial. Isto é, apenas mais um absurdo incoerente da sua existência vivenciada neste mundo sem finalidade. Como revela nesse breve diálogo com o porteiro.

— Fecharam-no, mas eu vou desaparefuser o caixão para que o senhor possa vê-la. — Aproximava-se do caixão quando eu o detive. — Não quer? — Não — respondi. Calou-se e eu fiquei constrangido porque senti que não deveria ter dito isso. Momentos depois, me olhou. — Por quê? — perguntou, mas sem censura, como se pedisse uma informação. — Não sei (CAMUS, 2019, p. 16).

A indiferença incomum na presença do caixão da mãe, manifesta-se como uma incoerência existencial conforme sua maneira de existir no mundo quando comparada ao demais. Sartre considera que: “Estrangeiro é também o homem entre os homens: há dias em que [...] reconhecemos como a uma estranha aquela que amávamos. É, enfim, eu-mesmo em relação a mim mesmo) quer dizer, o homem da natureza em relação ao do espírito: o estranho que em certos instantes vem ao nosso encontro num espelho” (SARTRE, 2006, p.120).

Meursault é a expressão desta consciência esvaziada – estranha que reproduz o estrangeiro, pois nada para ele possui um significado de ligação emocional: ele torna-se estrangeiro independentemente de onde esteja, ou seja, o seu comportamento revela a sua condição do estranhamento de si manifestada pelo personagem. Conforme observa: “Fechei as janelas, e ao voltar, vi no espelho um canto da mesa com a lamparina de álcool entre pedaços de pão. Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retomar o trabalho e que, afinal, nada mudara” (CAMUS, 2019, p. 32). O personagem vive um paradoxo entre o anseio de sentido e a indiferença pelo mundo – em face a essas tragédias inevitáveis do ser humano; por ser inevitável, torna-se impossível demonstrar qualquer resistência frente ao absurdo da existência. Esse modo de agir o torna ainda mais estranho diante dos acontecimentos extremos do cotidiano, por exemplo: em relação à morte e ao crime. Não há, como diz um estudioso do autor, um parâmetro a partir da qual julgar ou valorar uma ação e sim absurdo: 114

O choque inicial pela ausência de inflexão sentimental de Meursault diante da morte de sua mãe não se deve a um desprezo puro e simples. De fato, para ele, não há parâmetro ou paradigma a partir do qual as ações ou os acontecimentos possam ser colocados em referência, não há possibilidade de hierarquia ou juízo de valor numa existência radicalmente tomada pelo absurdo (FERREIRA, 2014, p. 90).

Para Meursault, a morte da mãe se soma aos demais eventos do seu cotidiano, logo, era necessário apenas habitua-se ao conflito constante de sua insignificância crueza, sem uma finalidade definida. Portanto, o percurso entre o estranhamento de si e a falta de interesse pela circunstância de um mundo sem um propósito final, transforma a expressão da revolta em processo da consciência ilógica do existir. De fato, torna-se inevitável confrontar os próprios limites imposto pela condição humana, como o personagem revela neste trecho da obra:

Devia estar com um ar cansado, porque Raymond me disse que eu não devia me entregar. A princípio, não compreendi. Explicou-me, então, que soubera da morte de minha mãe, mas que era uma coisa que, mais dia, menos dia, tinha de acontecer. Essa era também a minha opinião (CAMUS, 2019, p. 40).

A morte da mãe é apenas uma circunstância; um acaso na vida do personagem - um evento cuja origem remete à uma sociedade em contraste com a finitude humana; ou seja, apenas mais um acaso da vida. O pensador franco-angelino nesta obra, defende a ideia de que não existe valores pré-estabelecidos e, justamente por causa dessa ausência, que a revolta se torna uma atitude consciente, através da qual é possível percorrer para um caminho que gera uma forma de felicidade. Isto é, para Meursault o absurdo é a sua resposta e o seu modo de se adaptar ao sem sentido do mundo, como ressalta o estudioso: “O personagem esgota o mundo não porque o reduz artificialmente, mas porque nada mais há a desvelar. Meursault leva a termo a atividade por excelência do homem absurdo” (FERREIRA, 2014, p. 90). É importante ressaltar, que Mersualt aceita o absurdo como norma, como uma forma de lucidez.

O que mais chama a atenção é que o personagem de Camus age. O seu comportamento, ao longo de todo o romance, é guiado por algo que podemos caracterizar de “princípio”. Ele se orienta pelos hábitos e pelos limites de cada ação, opondo-se pelo excesso e afastando-se da tradição

social em que vive, que está em busca de um símbolo que ofereça segurança sob a ilusão de valores transcendentais. É nesse sentido que podemos afirmar que é possível entrever, através do comportamento do personagem Meursault, a aceitação do estranhamento de si, o que o torna um estrangeiro em meio aos demais.

3. A RESPONSABILIDADE DO HOMEM ABSURDO

Segundo o pensamento camusiano, a concepção de responsabilidade é própria do absurdo, pois é a partir dessa compreensão que o ser humano se torna livre para construir os próprios princípios, dando, assim, sentido à sua existência. Por outro lado, essa consciência de liberdade traz consigo uma consciência moral, ou seja, conduzindo-se por suas próprias ações – isto é, de forma inevitável; essas escolhas transformam-se, por conseguinte em escolhas boas ou desprovidas de lógica. Em contrapartida, o indivíduo é responsável por suas próprias ações e a consequência de seus atos provoca, com efeito, a revolta como resposta a tal absurdo. A aceitação do absurdo não é a imposição de uma condição moral, mas uma tradição derivada da própria condição humana em face da liberdade, em meio a um mundo em que o sentido lhe é estrangeiro. 116

A reflexão sobre a liberdade humana da forma como é apresentada por Sartre pode auxiliar na compreensão da postura de Meursault. Para o pai do existencialismo ateu a responsabilidade pela humanidade está em jogo em cada uma das escolhas, individualmente realizada. A liberdade não tem origem em princípios externos ao eu, mesmo assim ela visa realizar algo equivalente a um propósito universal, como revela esse trecho de sua obra:

Fazer a escolha por isso ou aquilo equivale a afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal: o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser

o bom para nós sem sê-lo para todos. Se a existência, além do mais, precede a essência, e nós queremos ao mesmo tempo em que moldamos nossa imagem, tal imagem é válida para todos e para nossa época inteira. Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo (SARTRE, 2014, p. 20-21).

Nesse sentido, podemos observar que na presença do homem absurdo, o sujeito não procura mais justificar suas ações por meio de um princípio transcendente; ele se torna duplamente consciente: consciente de que suas ações geram reações e de que o único responsável por elas é o próprio homem. Para Camus, a responsabilidade não se impõe de maneira universal através de regras morais, mas sim é a expressão de uma escolha individual, sustentada na revolta consciente diante do absurdo existencial. Se o indivíduo é responsável por seus próprios atos, a condição de revolta o torna autoconsciente para agir de maneira ética ou contrária a esses conceitos, sendo o homem o único responsável por suas escolhas. Contudo, essa responsabilidade não necessariamente precisa assumir um caráter universal para ser válida. Quando o indivíduo age de maneira consciente, sua liberdade impõe limites às ações do outro — por exemplo, impedindo atos como assassinatos —, sem necessidade de justificativa externa, estabelecendo, assim, uma moral existencial e social capaz de transcender as escolhas pessoais: 117

Ouviu-se, primeiro, uma voz estridente de mulher e, depois, Raymond que dizia “Você me enganou, você me enganou. Vou ensiná-la a me enganar”. Uns ruídos surdos e a mulher berrou, mas de maneira tão horrível que o corredor se encheu logo de gente. Marie e eu também saímos. A mulher continuava a gritar e Raymond não parava de bater. Marie disse-me que era terrível, e eu nada respondi. Pedi-me que fosse chamar um guarda, mas respondi-lhe que não gostava de guardas (CAMUS, 2019, p. 42-43).

No que se refere a uma consciência moral frente ao absurdo, é válido lembrar a posição indiferente com que o personagem Meursault revela diante de um ato extremo. Percebe-se que, diante de um ato de violência ele não expressa qualquer tipo de intervenção — seja como um gesto de justiça, seja como um posicionamento moral ou social. Pelo contrário, Meursault permanece alheio a tal fenômeno social, isto é, ele revela ser uma consciência esvaziada diante de uma ação extrema. Meursault segue em modo apático; para ele, trata-se apenas de mais um acaso dentro desse universo irracional.

Assim, nessa perspectiva, em face dessa dicotomia entre responsabilidade e convenções sociais, o sujeito consciente de sua liberdade torna-se livre e responsável por suas próprias escolhas. Em outros termos, Meursault personifica a responsabilidade absurda quando escolhe não se envolver em prol da vítima. Em sendo essa uma expressão da responsabilidade individual, ele teria a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, sendo ele responsável por suas deliberações. Consciente dessa liberdade, assume as consequências de seus atos, estejam ou não em conformidade com a lei, como revela a passagem a seguir:

118

Também o homem absurdo se vê ainda colocado perante as consequências dos seus actos quer as tenha previsto e desejado ou não. Mesmo quando não quer medir as consequências dos seus actos segundo o Bem ou o Mal porque falta o critério ético (o absurdo só dá equivalência às consequências destes actos), só resta então que essas consequências recaiam sobre ele como seu autor. Assim se chega a uma moral absurda: a revolta, isto é, a rebelião contra o absurdo da existência só tem solidez quando quem se revolta fica com a decisão tomada e suporta, portanto, as suas consequências, quaisquer que sejam (HENGELBROCK, 2006, p. 97).

A responsabilidade, portanto, compreende-se pelo fato de o indivíduo reconhecer sua liberdade, o que implica não apenas compreender e assumir as próprias ações, mas também seguir regras

morais — não necessariamente impostas pela sociedade, mas por si mesmo. O autor revela que:

Quem recusa a sua decisão consciente porque as conseqüências dessa decisão lhe chegam alteradas, não se revolta: capitula e foge. Torna-se então evidente: o absurdo não liberta, liga. Não autoriza todos os actos. Tudo é permitido, não significa que nada seja proibido. O absurdo só dá equivalência às conseqüências desses actos. Não recomenda o crime, seria pueril, mas restitui ao remorso sua inutilidade (HENGELBROCK, 2006, p. 97-98).

A obrigação ética, do ponto de vista pessoal, portanto, configura-se pelo fato de o indivíduo reconhecer sua liberdade, o que não impõe apenas a obrigação de reconhecer e assumir as suas próprias ações, mas também o fato de seguir regras morais impostas pelas convenções sociais em um mundo destituído de uma finitude a caminho de um sentido. Assim, o homem absurdo torna-se consciente de sua liberdade e o fato de que seus atos geraram conseqüências, é o resultado de sua consciência como um indivíduo relativamente bom ou mal. A maneira como o indivíduo se manifesta diante do absurdo expressa sua maneira de conviver com os demais: a responsabilidade do que abraçou o absurdo como norma revela-se no seu comportamento estrangeiro diante dos demais: ele possui apenas o absurdo e a revolta como resposta consciente e essa a sua responsabilidade. 119

4. MORAL E REVOLTA: A CONSCIÊNCIA DIANTE DE UM MUNDO ORDINÁRIO

A moral absurda, apresentada por Camus no romance *O estrangeiro* é a expressão de uma ética própria da condição humana absurda: apesar de o homem conviver em um universo marcado pela ausência de sentido, o absurdo manifesta-se a partir da aceitação dessa condição. Isto é, o sujeito permanece alheio com a falta de sentido e o paradoxo existencial.

Sua moral, portanto, encontra-se na revolta, esta é uma consequência metafísica frente ao absurdismo.

Todos os valores desmoronam perante essa "ética da quantidade"; o homem absurdo, jogado neste mundo, revoltado, irresponsável, não tem nada a justificar. Ele é inocente. Inocente como aqueles primitivos de que fala Somerset Maugham, antes da chegada do pastor que lhes ensina o Bem e o Mal, o permitido e o proibido: para ele tudo é permitido (SARTRE, 2006, p. 121).

Para Sartre, a maneira de comporta-se frente a sua atitude moral e a responsabilidade de seus atos no absurdo é realizada no puro presente: “O presente e a sucessão de presentes diante de uma alma sempre consciente, esse é o ideal do homem absurdo” (SARTRE, 2006, p.121), ou seja, é uma escolha individual que se origina na consciência existencial e na liberdade do indivíduo de escolher aqui e agora. Consciente de si, ou seja, consciente que está imerso em uma existência absurda, a sua existência torna-se autêntica, pois vive em um universo sem sentido transcendente. A resposta a essa consciência é afetada pelo anseio de liberdade, ciente de que talvez não haja sentido neste universo, o indivíduo torna-se consciente de suas possibilidades. Observe-se a atitude de Meursault no campo social do absurdo: 120

O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi lá, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecador, que tudo começou. Sacudir o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes ainda num corpo inerte em que as balas se enterravam sem que desse por isso. E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça (CAMUS, 2019, p. 64).

Meursault age de maneira impassível diante desta ação, sua atitude frente ao acontecimento o torna cada vez mais apático entre um vínculo

com sua condição trágica e as regras desse mundo. No entanto, para Meursault, trata-se apenas mais um acontecimento de insignificante. Apesar disso, a sua decisão em atirar, é uma escolha plenamente ciente, ou seja, que reflete a questão central da moral absurda. O personagem permanece consciente de suas ações e, a decisão de atirar em um homem árabe que resultada em sua prisão, é o fruto das suas próprias escolhas conduzidas a partir dos efeitos negativos de suas ações, como afirma Sartre: “O presente e a sucessão de presentes diante de uma alma sempre consciente, esse é o ideal do homem absurdo” (SARTRE, 2006, p. 121).

É por isso que, Meursault ao se deparar com as consequências de seus atos, não procura por meios para negar as suas ações, do mesmo modo como também não procura justificá-la a partir de um sentido universalmente moral ou por uma questão transcendental. O personagem assume o seu delito, sendo essa, uma regra velada ao aceitar essa condição absurdistas. Em contrapartida, em seu interrogatório na prisão, Meursault é coagindo a procurar um sentido de suas ações em Deus, de modo, que ele perdesse sua culpa e agora fosse falsamente perdoado pelos seus delitos. O trecho seguinte revela:

Disse-me, então, muito depressa, e de um modo apaixonado que ele acreditava em Deus, que tinha convicção de que nenhum homem era tão culpado para que Deus não o perdoasse, mas que para isso era necessário que o homem, pelo seu arrependimento, se transformasse como que numa criança, cuja alma está vazia e pronta a acolher tudo (CAMUS, 2019, p. 72).

Fica claro que o caminho sugerido pelo juiz é uma fuga da responsabilidade de seus atos. A ideia de ser perdoado, representa um novo recomeço; no entanto, após o perdão, ele torna-se um novo homem, “numa criança cuja alma está vazia e pronta para acolher tudo” (CAMUS, 2019, p. 72). De certa forma, o que fica evidente é que o caráter alienante da religião desumaniza a responsabilidade do sujeito. Ao oferecer uma

falsa felicidade, isto é, ao conceber o perdão por seus delitos, de modo que ele não precisa mais assumir a realidade concreta de suas escolhas, a religião também revela sua face absurda.

No entanto, o movimento absurdista tem como consequência levar a cada indivíduo a demonstrar sua lucidez diante dos resultados dos seus atos: o homem absurdo assume a consequência e paga por suas transgressões, ele não recorrer a um espírito transcendente. Meursault é um modelo do homem revoltado, a maneira que aceita sua condição de culpa frente ao crime cometido. Ao assumir as consequências de seus atos, ele torna autêntico com o seu comportamento e dá um sentido à de sua existência. Meursault afirma e aceita sua culpa: “eu reconhecia, ao mesmo tempo, que era ridículo, pois afinal o criminoso era eu” (CAMUS, 2019, p. 72).

A revolta espontânea deve ser questionada em todas as situações históricas e sociais, sobre o que serve o homem aqui, agora e no futuro. A resposta em situações diferentes pode ser outra de cada vez e não são de excluir os erros. Só quem tem o conhecimento absoluto, pode querer procurar a certeza absoluta (HENGELBROCK, 2006, p. 127).

122

A atitude de Meursault em face da moral absurdista constitui-se a partir do confronto entre o absurdo e o mundo ordinário. A revolta é a consequência mais coerente e dele deriva todo tipo de ação. Isto é, o homem absurdo não busca sentido em valores universais ou princípios transcendentais; o indivíduo constitui-se diante do absurdo, tendo a revolta como resposta consciente:

O absurdo revela uma verdade positiva que se reconhece ao mesmo tempo como sua condição de possibilidade e como ponto de partida para se ultrapassar. Camus examina-a numa espécie de fenomenologia da revolta: “Por mais confuso que seja, nasce uma

tomada de consciência do movimento de revolta” (HENGELBROCK, 2006, p. 123).

O sujeito, consciente das suas possibilidades, não segue as regras morais impostas pelas convenções sociais e as transcende, na ação. O personagem de Camus afirma a sua liberdade através da ação: Meursault opta por tirar a vida de um homem árabe, sem justificativas externas, mas consciente de suas ações. Portanto, há, na realidade, uma contradição entre o pensamento absurdo e as regras reais. O absurdismo, por sua vez, impõe-se sobre o conceito de juízo real; contudo, uma atitude não se deixa prender pelas leis. Assim, aqueles que permanecem capazes de assumir o absurdismo e aceitam essa condição optam por não seguir as regras morais daquela sociedade. Para eles, apenas aquilo que julgam lógico possui um valor real nesse mundo ordinário.

5. CONCLUSÃO

123

O romance *O estrangeiro*, como vimos, procura, descrever o conceito do absurdo personificado nas ações de Meursault. Sua atitude diante do absurdo causa um impacto nos leitores da obra; a maneira apática e a falta de sensibilidade do personagem diante da sua condição trágica constituem o elemento fundamental do absurdismo de Camus. A forma como a história é conduzido impacta os leitores e é nesse contraste brusco que Camus desenvolve o conceito de absurdo. Para o autor, é a partir da aceitação dessa condição que o sujeito aceita a revolta e decide que viver a sua condição trágica; assim, sua existência autêntica nesse universo sem sentido, torna-o capaz de conviver com essa realidade cruel.

A caracterização da condição humana imersa em uma realidade sem sentido e sem finalidade, bem como a maneira como Meursault atua diante dela transforma-o em um estrangeiro. A sua mensagem parece clara: seu modo de operar nesse universo é apenas uma forma de

sobreviver ao trágico. O autor apresenta o conceito de absurdo e a revolta como resultado dessa condição ontológica do ser humano. Meursault é apenas mais um indivíduo sem anseio do transcendente pois encontrou o sentido da sua vida na própria finitude de sua existência: tudo que ocorre com ele; apenas mais um acontecimento sem sentido. A ideia de permanecer na sua cotidianidade configura-se por não demonstrar interesse nesse mundo ordinário; sua reação ao nada é de conformidade. Para ele, não ocorre a ânsia de ter: o personagem apenas existe. Sua existência se encontra e aceita a finalidade do absurdo; a indiferença expressa em seu comportamento é o seu modo de mostrar que está adaptado ao sem sentido terreno.

No entanto, é necessário reconhecer que o julgamento de Meursault não é conduzido pelo crime cometido, mas por sua antipatia diante da morte da mãe. Isto é, embora seu crime seja tirar a vida de um homem árabe, seu julgamento ocorre exatamente pela indiferença demonstrada diante da perda materna. O impacto vivenciado pelos outros ao se deparar com essa atitude de Meursault define sua condenação. Para aqueles ao seu redor, a ideia de um homem sem sensibilidade diante do luto de uma figura materna os assusta; o impacto desse conflito está entre o absurdo e as regras morais. Camus deixa claro que uma moral do absurdo abala essa compreensão da moral universal.

Se a sociedade ideal prega compreensão e a empatia, ou seja, defende valores contrários aqueles expressos na relação do indivíduo com mundo absurdo. O sujeito, incluído nesse mundo, não deveria ser condenado por não demonstrar empatia, mas sim pelo crime cometido: na ação diante das regras veladas do absurdo, o indivíduo assume suas ações. O crime, nessa sociedade absurda, é a consequência que conduz à revolta; isto é o indivíduo não é isento de punição — ele deve pagar pelos crimes que comete. Diferentemente de uma sociedade ideal, em uma comunidade absurda, a morte da mãe e a maneira como Meursault reagiu a ela seriam apenas uma imparcialidade vivenciada em determinado

momento. Sua atitude, não reflete a moral do indivíduo que possui os princípios de ação, é sim o reflexo dos absurdos dessa sociedade que produziu um sujeito estranhando si mesmo.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. 68 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019

HENGELBROCK, Jurgen. **Albert Camus: sentimento espontâneo e crise do pensar**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. In: Explicações de *O estrangeiro*. **Situações I: crítica literária**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 117-132.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Gabriel Ferreira da. **Esculpir em argila: Albert Camus – uma estética da existência**. São Paulo: EDUC, 2014.

ISABELLA MENDES TEIXEIRA

<http://lattes.cnpq.br/1524339893903474>